RESUMO
A arte indígena é a qualidade que pessoas não pertencentes à cultura indígena atribuíram aos objetos e artefatos produzidos pelos povos indígenas antes e depois da chegada dos colonizadores nas terras tupiniquins. A arte indígena é composta por objetos de uso cotidiano que apresentam, segundo os padrões externos à cultura, qualidades artísticas. O presente artigo tem por objetivo principal apresentar a importância de mediar a arte indígena na escola com foco no currículo da cidade de São Paulo. Por meio da revisão bibliográfica a pesquisa irá considerar a importância que a escola tem em estar constantemente em contato com as tradições do país. O "currículo da cidade de São Paulo: povos indígenas" é um conjunto de diretrizes e orientações pedagógicas que visa integrar a história, cultura e a presença dos povos indígenas na educação da cidade de São Paulo. O estudo este artigo traz uma importante contribuição para a comunidade escolar, pois é de suma importância que os professores busquem meios de se informar a respeito dessa cultura, tanto antigamente como na atualidade, podendo desenvolver com seus estudantes um trabalho competente e significativo.

PALAVRA-CHAVE: Arte indígena, cultura, escola, currículo e estudantes.

SUMMARY
Indigenous art is the quality that people who do not belong to indigenous culture attributed to objects and artifacts produced by indigenous peoples before and after the arrival of colonizers in Brazilian lands. Indigenous art is made up of everyday objects that present, according to standards external to the culture, artistic qualities. The main objective of this article is to present the importance of mediating indigenous art at school with a focus on the curriculum in the city of São Paulo. Through the literature review, the research will consider the importance of the school in being constantly in contact with the country's traditions. The "São Paulo city curriculum: indigenous peoples" is a set of guidelines and pedagogical guidelines that aims to integrate the history, culture and presence of indigenous peoples in education in the city of São Paulo. The study of this article makes an important contribution to the school community, as it is extremely important that teachers seek ways to inform themselves about this culture, both in the past and today, being able to develop competent and meaningful work with their students.
KEYWORD: Indigenous art, culture, school, curriculum and students.

INTRODUÇÃO

A produção artística de um povo ou de uma nação está profundamente relacionada à sua cultura e ao significado atribuído a ela. Diferentemente das manifestações artísticas trazidas pelos colonizadores europeus ao Brasil, a arte indígena, produzida pelos povos originários, possuía uma função utilitária na vida cotidiana, além de estar associada às celebrações tradicionais, ritos religiosos e simbolismos culturais. A arte indígena refere-se às qualidades atribuídas por pessoas de fora dessa cultura aos objetos e artefatos fabricados pelos povos indígenas, tanto antes quanto após a chegada dos colonizadores às terras brasileiras. Essa arte é composta por objetos de uso diário que, sob uma perspectiva externa à cultura indígena, apresentam características consideradas artísticas (BACHEGA JUNIOR, 2024).

A inclusão de elementos da cultura indígena no currículo escolar oferece aos estudantes a oportunidade de aprender sobre valores, tradições, hábitos alimentares, manifestações musicais e de dança, entre outros aspectos culturais. Tal abordagem contribui para um aprendizado mais amplo e diversificado, favorecendo o desenvolvimento integral dos alunos.

Este artigo tem como objetivo principal evidenciar a importância de mediar a arte indígena no ambiente escolar, especialmente no contexto do currículo da cidade de São Paulo. Por meio de revisão bibliográfica, busca-se

compreender o papel da escola na constante aproximação com as tradições culturais do país. A presença da cultura indígena na história do Brasil é contínua e influência de forma significativa as tradições nacionais. A legislação brasileira, sancionada em 11 de março de 2008, determina a obrigatoriedade de inclusão de elementos culturais indígenas no currículo escolar, abrangendo também os aspectos culturais afro-brasileiros, com ênfase nas áreas de Literatura, Artes e História, tanto na rede pública quanto no particular (CRISTINE, 2018).

Essa legislação visa promover abordagens inovadoras na formação curricular, permitindo que os estudantes reconheçam as matrizes culturais que compõem a história do país, muitas vezes negligenciadas em detrimento de uma narrativa centrada na história europeia.

O currículo voltado para os povos indígenas na cidade de São Paulo constitui um conjunto de diretrizes pedagógicas que busca integrar a história, cultura e presença desses povos na educação municipal. Essa iniciativa reflete uma postura de valorização da diversidade cultural e de inclusão das narrativas indígenas no processo educativo. Em geral, o currículo visa promover o reconhecimento e a valorização dos saberes tradicionais, das linguagens, das práticas culturais e das lutas dos povos indígenas, contribuindo para a formação de uma consciência crítica e respeitosa em relação à diversidade étnica e cultural.

Este estudo traz uma contribuição relevante para a comunidade escolar, ressaltando a importância de que os professores busquem compreender essa cultura, tanto em suas manifestações históricas quanto contemporâneas, de modo a desenvolver ações pedagógicas competentes e enriquecedoras para os alunos.

CURRÍCULO DOS POVOS INDÍGENAS

O documento que foi elaborado pelos profissionais da SME e contou com a participação dos escritores Daniel Munduruku e Cristino Wapichana.

O material é dividido em cinco partes. Na primeira, temos uma discussão sobre o uso dos conceitos. Muitas vezes, por desconhecimento, fazemos uso de palavras que não valorizam as populações indígenas e saber quais palavras são adequadas contribuem para construirmos uma sociedade mais respeitosa (SME/COPED, 2023).

FIGURA 1 - Ensino da história e cultura dos povos indígenas nas escolas brasileiras já é leio desde 2008. Foto: Agência Brasil. Disponível em: https://averdade.org.br/2021/04/a-importancia-do-antirracismo-no-ensino-da-cultura-indigena-na-educacao-infantil/



Na segunda parte, intitulada “Nessa terra tinha gente”, a discussão é sobre a presença dos povos originários no território. Eram milhares de povos, falantes de centenas de línguas e com diferentes costumes que os fazia diversos entre si. Infelizmente, as diferenças culturais não foram compreendidas e valorizadas pelos europeus que aqui chegaram (SME/COPED, 2023).

A parte três do documento trata das dificuldades enfrentadas pelos povos originários desde a ocupação do território. Novamente, os autores nos atentam para o uso de alguns conceitos e comentam sobre a resistência dos indígenas. Dando continuidade ao tema da resistência, na quarta parte aprendemos sobre a União das Nações Indígenas, primeira organização que buscava reunir as demandas de todos os grupos que vivem no Brasil e lutar por direitos. A instituição teve papel fundamental para a inserção na Constituição Federal de 1988 de direitos que favoreceram os indígenas.

A quinta e última parte do material trata da presença indígena na cidade de São Paulo, tanto daqueles que vivem nas aldeias quanto dos que vivem em diferentes bairros da cidade. Além da discussão sobre importantes aspectos das histórias e culturas dos po-

vos originários, ao final de cada uma das cinco partes há um resumo do que foi discutido e um tópico especial denominado “Criando Piolhos” que traz sugestões de atividades para os docentes realizarem em suas práticas, acompanhando de indicações de leituras para aprofundar o conhecimento (SME/COPED, 2023).

O texto apresenta uma reflexão importante sobre a história e a presença atual dos povos indígenas no Brasil, especialmente na cidade de São Paulo. Meu ponto de vista é que essa narrativa evidencia a complexidade e a diversidade dos povos originários, bem como os desafios que enfrentaram e continuam enfrentando ao longo do tempo.

Primeiramente, é fundamental reconhecer a vasta diversidade cultural, linguística e social desses povos, que foi muitas vezes incompreendida ou desvalorizada pelos europeus que chegaram ao território. Essa falta de reconhecimento contribuiu para a marginalização e o sofrimento de muitos povos indígenas, cuja resistência muitas vezes não recebeu o devido valor na história oficial.

A luta pela manutenção de seus direitos, como exemplificado pela criação da União das Nações Indígenas, demonstra a força e a organização desses povos na busca por reconhecimento e justiça. A inclusão de direitos indígenas na Constituição de 1988 representa um marco importante, fruto de anos de resistência e luta coletiva. Contudo, a presença indígena na cidade de São Paulo mostra que esses povos continuam vivos, resistindo e preservando suas culturas mesmo em ambientes urbanos, muitas vezes distantes das terras tradicionais.

A leitura do material reforça a importância de valorizar e compreender a história indígena de forma mais ampla, promovendo o respeito às diferenças culturais e incentivando ações que contribuam para a valorização e preservação dessas culturas. Como sociedade, é nosso papel reconhecer a ancestralidade, a resistência e a riqueza que os povos indígenas oferecem ao nosso país, promovendo uma convivência mais justa e igualitária.

Os objetivos principais desse currículo (FIGURA 2) incluem:

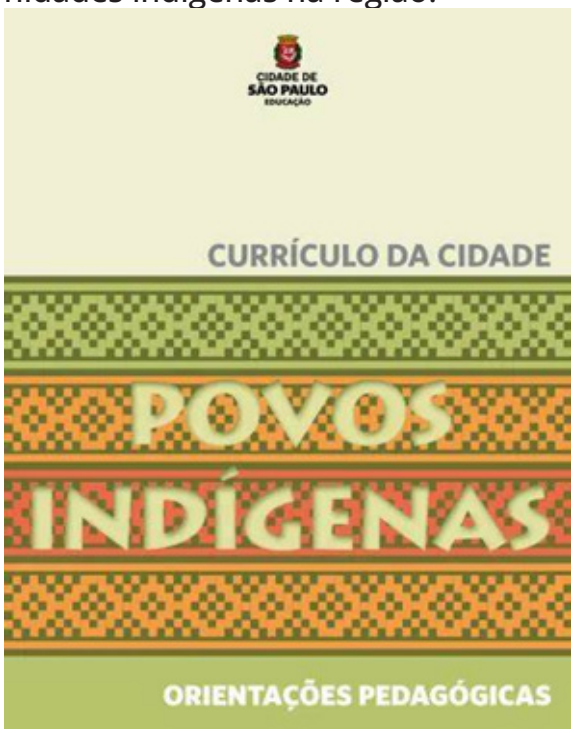
Educação para a diversidade: Promover o respeito e a valorização das culturas indígenas, combatendo preconceitos e estereótipos.

História e cultura: Incluir a história dos povos indígenas no conteúdo escolar, abordando suas tradições, modos de vida, lutas e contribuições para a sociedade.

Desenvolvimento de competências: Auxiliar os educadores na elaboração de práticas pedagógicas que incorporem as perspectivas indígenas e façam diálogo com as realidades das comunidades indígenas.

Formação de professores: Capacitar educadores para que possam lidar com esses temas de forma crítica e informada, respeitando as especificidades culturais dos povos indígenas.

Essa abordagem curricular é importante para promover uma educação inclusiva, que reconhece e valoriza a pluralidade cultural presente na sociedade brasileira. A implementação desse currículo pode variar nas escolas, dependendo de diversos fatores, como formação de professores, recursos disponíveis e a própria dinâmica das comunidades indígenas na região.



SUGESTÕES PEDAGOGICAS A PARTIR DO CURRICULO POVOS INDIGENAS

Após conhecer resumidamente o material que já está disponibilizados a todos os professores da rede municipal de São Paulo, os educadores podem avançar para atividades de acordo com as idades das crianças e seguindo um planejamento que vá introduzin-

do o conteúdo de forma mais bem elaborada e aprofundada. Pensando nisso o material do currículo sugere a seguinte sequência:

Crianças pequenas:

Rodas de histórias sobretudo de fábulas, encenações, grafismos e pinturas corporais. Vídeos como Moana ou Pocahontas podem ser interessantes para ilustrar aspectos das culturas indígenas como o respeito às tradições, o pertencimento à natureza e o cuidado com a família;

Jogos de memória para fixar nomes de pessoas e lugares de origem indígena. Passeios nos territórios urbanos que tenham a presença indígena ou onde haja lembranças dessas presenças (nome de lugares, ruas, praças ou bairros). Jogos e brincadeiras indígenas podem ser pesquisados para ilustrar o conteúdo e proporcionar uma divertida forma de aprendizagem para os estudantes (SME/COPED, 2023).

Fundamental I:

Rodas de histórias especialmente as de origem dos elementos da natureza (fogo, estrelas, lua, rios...) que despertem o imaginário. Grafismos e pinturas corporais acompanhadas de explicações sobre seus usos (traçando um paralelo com a moda de tatuar o corpo hoje muito em voga no Brasil);

Histórias de origem dos alimentos (mandioca, frutas, peixes, animais) possibilitam trabalhar com a origem de nossos hábitos à mesa, a culinária brasileira e a influência da alimentação indígena. É uma boa oportunidade para preparar um cardápio escolar com base na culinária indígena. Pode-se trabalhar também o calendário indígena o que permitirá estudar os diferentes biomas brasileiros e a influência dos astros sobre a produção de alimentos ou sobre a mudança climática. Os professores envolvidos podem propor a construção de maquetes, desenvolvimento de hortas escolares com a colaboração da comunidade. Preparar alimentos como exercício e resultado seria também muito interessante (SME/COPED, 2023).

Músicas como Pindorama, da Palavra Cantada ou Mestiçagem, de Antônio Nóbrega ajudaria a iniciar uma conversa sobre a origem da cultura brasileira. Baseados na experiência de ouvir e contar histórias, os educadores envolvidos poderiam criar algum tipo de concurso entre os estudantes (literário, gráfico, musical, teatral). Bom seria também conhecer a musicalidade dos Guarani, seus cantos e suas danças;

Como aproveitar as lendas que já existem e são conhecidas para trabalhar a temática indígena? O primeiro passo é trazer para a roda de conversa o que já é do conhecimento deles. Mula-sem-cabeça, o boitatá, o saci-pererê, a Iara, a Matinta-Perera, o Boto, o Curupira, entre outros, são personagens do folclore brasileiro. Mas, o que significa folclore? Eis um bom tema para desenvolver com os terceiros ou quartos anos. Eles já conseguem compreender o que é um mito ou o que é uma narrativa com diferentes finalidades educativas. É um bom momento para ir desmistificando certos equívocos que ainda estão muito presentes na sociedade brasileira. Aqui valeria a pena falar sobre o sobrenatural nas culturas indígenas, a relação espiritual com o meio ambiente, ritos e celebrações que têm a ver com essa ideia de manter viva a tradição. Para ilustrar poder-se-ia mostrar alguns vídeos produzidos pelos próprios indígenas mostrando suas realidades a partir de seus próprios pontos de vistas (SME/COPED, 2023).

Fundamental II:

História do Brasil é um dos temas mais recorrentes nesta fase de aprendizagem. Trazer os povos indígenas para o cenário da história como protagonista é um passo importante para dar visibilidade à cultura e aos conhecimentos tradicionais e quebrar os estereótipos e as visões distorcidas sobre estes povos. Neste sentido seria interessante verificar os conhecimentos que os estudantes nesta fase trazem sobre os povos indígenas organizando uma pesquisa sobre estes pontos (SME/COPED, 2023).

Retomar o estudo da toponímia indígena também é um bom começo para introduzir a temática em sala de aula. Aqui se espera que os professores de diferentes matrizes curriculares se juntem para organizar um projeto que contemple matemática, português, ciências, história, geografia, educação física, artes, entre outras disciplinas. Isso permitirá tratar o tema como uma unidade didática. É bom sempre lembrar que o lugar não é apenas o local onde se mora, mas é um território onde a vida se manifesta em suas diferentes formas: nas palavras que os no-

mina, as pessoas que os habitam, nos seres que interagem, nas crenças que escondem, nos ritos que desenvolvem, nas músicas que tocam e entoam, nas artes que os embelezam. Dessa forma, retomar este conteúdo é fundamental para inserir os estudantes no seu contexto e criar neles o pertencimento ao lugar de origem (SME/COPED, 2023).

Letras de músicas – novas ou antigas – podem ajudar a montar o perfil de como a sociedade brasileira desenvolveu seu olhar sobre os povos originários. Uma boa pesquisa na produção musical ajudará a fazer este mapeamento. Alguns exemplos: Curumim chama Cunhatã (Jorge Benjor); Um índio (Caetano Veloso); Amor de Índio (Beto Guedes); Mestiçagem (Antonio Nóbrega); Baila Comigo (Rita Lee); Índio cara pálida, cara de índio (Djavan); Cachimbo da Paz (Gabriel O Pensador). Outras tantas podem ser pesquisadas para desconstruir estereótipos ou para mostrar os equívocos em torno da construção de uma imagem negativa dos povos indígenas (SME/COPED, 2023).

Na mesma linha de construir uma nova imagem é bom mostrar como os indígenas são contemporâneos aos estudantes. Iniciar uma conversa sobre tecnologia e povos indígenas é interessante. Neste sentido vale a pena mostrar como eles estão aprendendo a usar os equipamentos tecnológicos para reforçarem suas culturas e seus modos de vida. A ONG Vídeo nas Aldeias dispõe de vasto material audiovisual produzido por indígenas com esta finalidade (www.indiosnasaldeias.org.br). O mesmo se pode apresentar com relação ao uso da produção musical. Fazer uma pesquisa sobre os grupos de Hip Hop indígena que tem se espalhado pelo Brasil. Cremos que os estudantes poderão organizar mostras de cinema, festival de músicas, audiências públicas envolvendo a comunidade para dialogar com a contemporaneidade indígena (SME/COPED, 2023).

IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR A CULTURA INDÍGENA NA ESCOLA

Mesmo depois da Lei 11.465/08 de 2008, que tornou obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena na escola, o estudo da cultura e da literatura produzida por autores indígenas ainda caminha a passos lentos no Brasil. Da mesma forma, o conteúdo sobre os povos tradicionais estudado nas escolas sempre foi insuficiente, segundo estudos, os indígenas habitavam a América do Sul há mais de mil anos antes da chegada dos conquistadores, dado que pouca gente conhece.

A celebração das culturas originárias segue relegadas a uma espécie de festa à fantasia no mês de abril, com crianças com o rosto pintado e cocares confeccionados em cartolina e penas imitando o que, dentro do imaginário coletivo, é o índio brasileiro.

De acordo com Marcelo Ganzela Martins de Castro, coordenador do curso de Licenciatura em Letras do Instituto Singularidades, isso se deve ao fato de o currículo escolar nunca haver valorizado a herança cultural indígena da maneira devida. Nós viemos de um histórico escolar e cultural que via os povos indígenas como inferiores, como pessoas com menor autonomia e, consequentemente, menos capazes que o restante da sociedade brasileira. Tanto é que apenas a partir da Constituição de 1988 que o indígena adquire direitos mais próximos aos de um cidadão brasileiro de outras etnias. Nossa dívida cultural com os povos indígenas é longa. Infelizmente, muitos de nós ainda não reconhecem esse fato.

A legislação brasileira, especialmente a Lei nº 11.465/2008 de 2008, tornou obrigatória a inclusão do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar. Essa medida teve um impacto significativo ao ampliar as possibilidades de divulgação e valorização da literatura produzida por autores indígenas, estimulando uma maior circulação de suas obras no mercado editorial (CASTRO, 2021).

Atualmente, é comum encontrar livros escritos em português ou em versões bilíngues, que unem o idioma nacional a línguas indígenas, refletindo uma valorização crescente dessas vozes. Autores como Daniel Munduruku, Eliane Potiguar, Yguarê Yamã, Olívio Jekupé e Carlos Tiago Haki'y vêm ganhando reconhecimento e espaço, contribuindo para a diversidade literária e cultural do país.

É fundamental compreender que os povos indígenas não são apenas nossos ancestrais, mas também parte integrante do presente. Eles continuam a viver e a atuar na sociedade brasileira, devendo ser respeitados e

valorizados de forma igualitária. Conhecer suas histórias, culturas e visões de mundo é o primeiro passo para promover o respeito e a valorização dessas comunidades, além de abrir espaço para aprendermos com suas perspectivas, que muitas vezes diferem significativamente do pensamento ocidental tradicional.

O multiculturalismo, enquanto conceito e prática, representa uma necessidade urgente na sociedade contemporânea. Encarar a diversidade cultural como uma riqueza potencial é essencial para formar cidadãos mais conscientes, engajados na construção de um futuro sustentável e mais justo. Inclusão de todos, especialmente daqueles que historicamente foram marginalizados e excluídos do currículo escolar, é uma tarefa que precisa ser prioridade para promover uma sociedade mais equitativa e plural (CASTRO, 2021).

O ENSINO DA ARTE E HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS DEVE SER ANTIRRACISTA

Como pesquisadora, realizei uma análise aprofundada sobre a importância de um ensino antirracista, que tenha como objetivo não propagar nem reforçar estereótipos e falsas informações acerca dos povos indígenas. É fundamental que o ensino não os represente como alegorias, caricaturas ou como elementos do passado, mas que promova o respeito e a valorização de suas culturas, cosmovisões e histórias. Existem diversas obras pedagógicas, incluindo materiais produzidos por autores indígenas, que contribuem para essa abordagem, como os livros infantis de Daniel Munduruku, Auritha Tabajara, Olívio Jekupé, Yaguare Yamã, além da Coleção Memórias Ancestrais organizada por Julie Dorrico e Geni Núñez. Além disso, destaco o projeto Tem Cor no Ensino, voltado para a promoção de uma educação antirracista.

A primeira edição, realizada em novembro de 2020 para o Novembro Negro, e a segunda, em abril de 2021, voltada para o Abril Indígena, ofereceram cartilhas educativas, histórias em quadrinhos e diversas propostas de atividades que enriquecem esse processo (GOMES, 2021).

No dia 22 de abril, é imprescindível ensinar a história verdadeira, demonstrando que o território atualmente conhecido como Brasil não foi descoberto por acaso, mas que já existiam povos indígenas vivendo com suas próprias cosmovisões, tradições e culturas, antes da invasão e do saque por parte do colonizador.

Além disso, é importante ampliar o entendimento sobre o calendário de lutas indígenas, incluindo datas relevantes como o Dia Nacional da Consciência Indígena (20 de janeiro), o Dia Nacional da Luta dos Povos Indígenas (7 de fevereiro), o Dia Internacional dos Povos Indígenas (9 de agosto), o Dia Internacional das Mulheres Indígenas (5 de setembro) e o Dia da Resistência Indígena (12 de outubro).

Essas datas reforçam a necessidade de reconhecer a diversidade de povos, línguas e culturas indígenas, promovendo uma reflexão contínua sobre suas lutas por território, especialmente considerando que suas terras continuam sendo invadidas por interesses do Estado, ruralistas, grileiros e empresários. Portanto, é essencial ensinar sobre a importância da demarcação das terras indígenas, além de reconhecer que esses povos são os principais guardiões das florestas e da biodiversidade (GOMES, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imprescindível que as escolas adotem uma postura proativa na inclusão da arte indígena em suas propostas pedagógicas, reconhecendo não apenas a importância estética dessas expressões, mas também seu papel essencial na formação de uma consciência crítica e plural. O currículo da cidade de são Paulo é uma ótima ferramenta norteadora para tais propostas. A importância de trabalhar a arte indígena no contexto escolar, inserida no currículo revelam-se fundamentais para a formação de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

Por meio dessa revisão bibliográfica destaco alguns pontos principais:

Valorização da Diversidade Cultural: Integrar a arte indígena ao currículo escolar contribui para a valorização e o reconhecimento da diversidade cultural que compõe a identidade nacional. Essa abordagem enriquece o saber acadêmico e oferece aos estudantes uma perspectiva mais ampla sobre o Brasil e suas inúmeras heranças;

Ressignificação de Concepções: O estudo da arte indígena permite que os alunos revisitem e ressignifiquem preconceitos e estereótipos associados aos povos originários. Ao entrar em contato com suas expressões artísticas e culturais, os alunos desenvolvem uma compreensão mais profunda sobre a história, os costumes e as lutas desses povos;

REFERÊNCIAS

BACHEGA JUNIOR, Vanderlei. Arte Indígena. Todo Estudo. Disponível em: https://www.todoestudo.com.br/artes/arte-indigena. Acesso dia 10/08/24.

CASTRO, Marcelo Ganzela Martins de. A importância de se estudar a cultura e a literatura indígena, 2021. https://blog.institutosingularidades.edu.br/a-importancia-de-se-estudar-a-cultura-e-a-literatura-indigena/ Acesso dia 11/08/24

CRISTINE, Elen. Os benefícios da cultura indígena no currículo escolar, 2018. Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/educacao/os-beneficios-cultura-indigena-no-curriculo-escolar.htm Acesso em 10/08/24.

GOMES, Juliana. A importância do antirracismo no ensino da cultura indígena na educação infantil, 2021. Disponível em: https://averdade.org.br/2021/04/a-importancia-do-antirracismo-no-ensino-da-cultura-indigena-na-educacao-infantil/ Acesso em 15/08/2024.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.
Currículo da cidade: povos indígenas: orientações pedagógicas. – 2. ed. – São Paulo: SME / COPED, 2023.